

ELEMENTOS PARA ANÁLISE DA RELAÇÃO CIDADE – REGIÃO: estudo de caso de uma cidade pequena em posição de contato entre duas cidades médias mineiras

Samarane Fonseca de Souza Barros

Bolsista de Iniciação Científica CNPQ | Universidade Federal de Viçosa

samarane.barros@ufv.br

RESUMO: as cidades pequenas, em sua maioria, não se bastam, desenvolvendo relações com outros centros para suprirem as suas demandas. A partir da ascensão das cidades médias enquanto nós nas redes urbanas, estas ficam responsáveis, em grande medida, pelas cidades pequenas de seu espaço imediato. Isto posto, faz-se necessária a análise das relações interurbanas para o entendimento das menores cidades e, neste sentido, buscou resgatar as análises sobre posição geográfica para entendimento de Teixeira-MG: uma cidade pequena localizada entre duas cidades médias mineiras: Viçosa e Ponte Nova.

PALAVRAS-CHAVE: cidade pequena; posição geográfica; dinâmicas regionais.

1. INTRODUÇÃO

As cidades pequenas devem ser analisadas de maneira cuidadosa, ao passo que é “quase sempre mais difícil precisar seu mecanismo e o ritmo calmo de sua vida do que analisar as engrenagens bem lubrificadas, correndo a toda velocidade, das metrópoles imponentes (...)” (MONBEIG, 1957, p.36). A bibliografia, ainda escassa, sobre a temática das cidades pequenas leva a crer que para entendê-las em sua totalidade, deve-se olhar para a sua inserção e o seu papel na rede urbana, tomando como rede urbana a proposição de Corrêa (1989, p.8) “conjunto de centros funcionalmente articulados”. Além disso, deve-se atentar ao contexto regional em que estas cidades estão alocadas, uma vez que a partir da região pode-se fazer entender “processos promotores de sua gênese, bem como o conjunto de sua formação espacial” (SOARES e MELO, 2009, p. 36), enfatizando, portanto, a particularidade de cada cidade pequena.

Já de antemão, deve-se deixar claro que o artigo não se limita apenas aos valores demográficos e quantitativos do adjetivo “pequena”, portanto, a perspectiva de cidades pequenas aqui abordada confunde-se com o que Santos denominou “cidades locais”, que são aquelas que respondem as “necessidades vitais mínimas, reais ou criadas de toda uma população, função esta que implica em uma vida de relações” (1982, p.71).

Ao olhar o contexto regional e de rede urbana em que a cidade pequena se insere, volta-se para uma discussão de tempos pretéritos da Geografia Urbana Francesa que vem sendo retomada por estudiosos das cidades: a de posição/situação geográfica; esta discussão se justifica atual pela própria diversidade das cidades brasileiras, como explicita Fresca (2009, p.5)

uma cidade com cerca de 10 mil habitantes na rede urbana de Manaus apresentar-se-á bastante distinta de uma similar em termos populacionais na rede urbana norte-paranaense, mesmo ambas sendo consideradas como pequena.

Além das leituras teóricas que deram suporte a presente análise, tomou-se como contexto empírico a cidade de Teixeiras, localizada na porção oeste da Zona da Mata de Minas Gerais. Portanto, o texto seguirá composto, além desta introdução e das considerações finais, por três partes: a primeira acerca da construção teórica e importância da posição geográfica e do contexto regional para entendimento das cidades pequenas; outro segmento abarcando, ligeiramente, a metodologia e por fim, uma parte contemplando as análises sobre Teixeiras e suas respectivas relações, defendendo a hipótese que esta é uma cidade pequena em posição de contato entre duas cidades médias mineiras: Viçosa e Ponte Nova; e que as relações mais estreitas se dão para com estas cidades, analisando neste artigo a variável trabalho a partir das análises sobre o tempo de deslocamento dos teixeirenses. Assim como cidade pequena, considerou-se cidade média para além dos portes demográficos, refletindo o seu papel e funcionalidade na rede urbana.

2. NOTA METODOLÓGICA

A pesquisa foi respaldada por levantamento bibliográfico e leituras sobre o universo das cidades pequenas, bem como sobre o debate regional e o resgate sobre posição e situação geográfica para os estudos urbanos. As observações sobre a cidade de Teixeiras são tecidas desde tempos remotos pela autora do presente texto ser natural desta cidade, porém, o olhar pormenor e o trabalho de campo efetivo foi realizado durante uma semana (entre os dias 1 e 8 de julho de 2016) afim de se observar e registrar os principais fluxos dos teixeirenses, como explicitado a seguir.

Após as observações tidas em campo e levantamento de informações de fontes secundárias, por exemplo, IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e *Google Maps*, os dados foram tabulados e gerados através de mapas, tabelas e gráficos inclusos neste texto que, correlacionados, tentam mostrar as relações principais tecidas pela cidade de Teixeiras, sobretudo, no que tange a variável trabalho.

3. POSIÇÃO GEOGRÁFICA E CONTEXTO REGIONAL PARA ENTENDIMENTO DAS CIDADES PEQUENAS

A localização geográfica das cidades perpassa por duas escalas espaciais, uma relacionada ao sítio, isto é, a localização absoluta; e outra relacionada a posição/situação geográfica: a localização relativa. A primeira é o solo onde a cidade se estende, podendo ser natural ou artificialmente produzido e a segunda aborda a situação da cidade face a relações externas a ela, incorporando conteúdo natural e social, bem como as relações com outras áreas. A posição geográfica, ainda, é permeada por contextos históricos, já que a localização relativa “pode ser extremamente importante em um dado momento histórico e não o ser mais em outro” (CORRÊA, 2004, p.318). Dolffus sintetiza

O sítio é o assentamento territorial de um elemento do espaço. A posição depende do sistema de relações que o elemento mantém com outros elementos, sejam eles próximos ou distantes. (1971, p.14 *apud* AMORIM FILHO, 2015, p.17).

Jacqueline Beaujeu-Garnier, em seu manual de Geografia Urbana, atenta que o desenvolvimento da cidade parte do sítio, porém esta “envolve-o, ultrapassa-o, transforma-o e, por vezes, mesmo, abandona-o” (1997, p. 76). Com o avanço das técnicas, o sítio pode vir a ser superado, restando apenas as correspondências entre os espaços, fazendo com que a situação geográfica, portanto, esteja atrelada à facilidades e vantagens de comunicação.

A noção de situação geográfica, amplamente utilizada pela escola francesa de Geografia Urbana, em sua essência já pressupõe a ideia relacional do espaço, “uma vez que cada localização é vista, a partir desse conceito, no contexto de outras localizações que ensejam suas possibilidades de integração” (SPOSITO, 2011, p.135).

A posição geográfica, portanto, pode ser analisada segundo uma construção que envolve agentes diversos no tempo e no espaço e, embora siga atualmente tendências e técnicas unificadas, tem a sua diferenciação garantida por seus arranjos e relações anteriores. Neste sentido, Silveira recorre a ideia de situação geográfica caracterizando-a como “um conjunto de eventos geografizados” (1999, p.22).

Por cristalizar particularidades, portanto, as posições geográficas ajudam a delimitar as divisões territoriais do trabalho, hierarquizando cada cidade e seu respectivo papel. A relação das cidades coadjuva para a formação de um contexto regional, gerando a interdependência dos diversos espaços e emparelhando, pois, as cidades pequenas a seu espaço interurbano.

A teia de vínculos que se estabelece dentro de uma região é múltipla e os papéis das cidades pequenas são os mais variados, considerando que este é um universo de mais da metade dos municípios brasileiros. As ligações das cidades, na atual fase do capitalismo, se dão de maneira mais intensa pelo sistema fragmentar, hierarquizar e subordinar os espaços, sobretudo

os menos complexos do ponto de vista econômico. A ascensão de formas urbanas não metropolitanas, aqui incorpora-se também as cidades médias, engendrou novas dinâmicas e reestruturações socioeconômicas que, por sua vez, criaram novas “relações entre localizações e fluxos que se estabelecem articulando, cada vez mais, diferentes escalas geográficas de produção e estruturação dos espaços urbanos” (SPOSITO, 2004, p. 12). Com as mudanças nos papéis das cidades e consolidação de novas hierarquias urbanas, redefiniu-se uma nova forma de organização espacial que, por sua vez, imbricou “à recriação das diferenças entre regiões e espaços urbanos, bem como a interligação entre eles” (ORLANDO JUNIOR, 2014, p. 41).

Vale ressaltar que a partir das reestruturações produtivas e, ainda, do advento da globalização, as conexões não se dão unicamente de maneira linear, podendo envolver um conjunto amplo de cidades das mais variadas tipologias, uma vez que o período atual possibilita contatos múltiplos entre vários núcleos, conformando uma teia de relacionamentos, conquanto, as cidades pequenas nem sempre se inserem horizontalmente nestas teias, por causa da lógica desigual e combinada do sistema capitalista.

A retomada aos estudos sobre posição geográfica urge com o avanço da globalização, em dois sentidos, como propõe Sposito (2011, p. 136):

Primeiramente, lembro que a descontinuidade das relações espaciais, em função das novas tecnologias de comunicação, coloca em questão a supremacia da contiguidade territorial e, portanto, do paradigma da área para a compreensão da posição que uma dada localização ocupa nos contextos de relações em que elas podem se inserir ou não. (...)

Em segundo lugar, quero lembrar que as descontinuidades, tanto espaciais como temporais que um dado fato, dinâmica ou processo expressam, não se observam apenas no plano das relações espaciais, mas também e, por essa razão, no plano das formas espaciais (...).

Logo, a construção da situação geográfica em tempos de globalização engendra novos elos não necessariamente entre espaços contíguos, resignificando uma área e produzindo novas formas urbanas. Mas também, a morfologia de uma cidade pode ser mais facilmente compreendida ao olhar para sua posição geográfica e suas relações, uma vez que estas podem influenciar forma e função das cidades pequenas.

As relações que permeiam as cidades pequenas, ainda, se dão de maneira mais efetiva por estas precisarem recorrer a outros centros para determinadas demandas e, por outro lado, servirem de apoio e complemento em inúmeros setores, como mão de obra ou mercado consumidor, para os centros maiores e mais complexos, sendo assim, a lógica enche-se de pormenores, considerando os níveis que incidem sobre o “mais pequeno” (SANTOS, 1985). Portanto, por não se tratarem de cidades que bastam-se a si mesmas, a compreensão das cidades pequenas deve “caminhar no sentido de não colocar o foco exclusivamente nelas, mas trabalhar a partir de articulações” (SPOSITO, 2009, p. 15). As transformações vistas nas cidades pequenas refletem, em grande medida, a evolução de seu entorno, fazendo, mister, olhar para o

espaço interurbano para entender a própria dinâmica interna das cidades. Fresca (2010 *apud* ORLANDO JUNIOR, 2014) assinala que a inserção das cidades pequenas em uma rede urbana ou uma região é que dá elementos mais sólidos para entendê-las como tal.

Falar sobre articulações dos centros não metropolitanos provoca um debate que há muito vem sendo substituído por outros na ciência geográfica: o de região. Sposito (2009, p. 19) explicita que a “região é o próprio quadro de referências, é o próprio ambiente, socialmente construído, a partir das relações entre cidades médias e pequenas”. Portanto, se a situação geográfica atrela-se as relações de uma cidade e, uma região, pode ser socialmente construída por estas relações, uma região é um conjunto de situações geográficas que coexistem.

A diferenciação dos papéis das cidades que compõe uma região é imanente ao processo capitalista, dado que há uma “desigualdade na distribuição espacial dos fatores de produção e das atividades” (BRANDÃO, 2007, p.57). A cidade, então, alimenta a vida regional, e de um certo modo, o próprio sistema. Há determinadas cidades, pois, que crescem em detrimento as cidades menores de seu redor. As cidades médias, em especial, ampliam seus papéis

porque diminuem os papéis das cidades pequenas a partir de uma série de mecanismos econômicos, ou cidades que, em função do tipo de atividades que têm, das lideranças que ali se encontram, são capazes de crescer e propor um projeto ou desempenhar um papel político, econômico e social de crescimento para toda uma região. (SPOSITO, 2009, p. 19)

Ao olhar para a situação geográfica do objeto empírico do presente trabalho, Teixeira-MG, entende-se as dinâmicas nas formas e funções urbanas, através da análise desta entre duas cidades médias: Viçosa e Ponte Nova, fato este que será analisado no segmento de texto a seguir.

4. TEIXEIRAS-MG: UMA CIDADE PEQUENA DE “POSIÇÃO DE CONTATO” ENTRE DUAS CIDADES MÉDIAS MINEIRAS

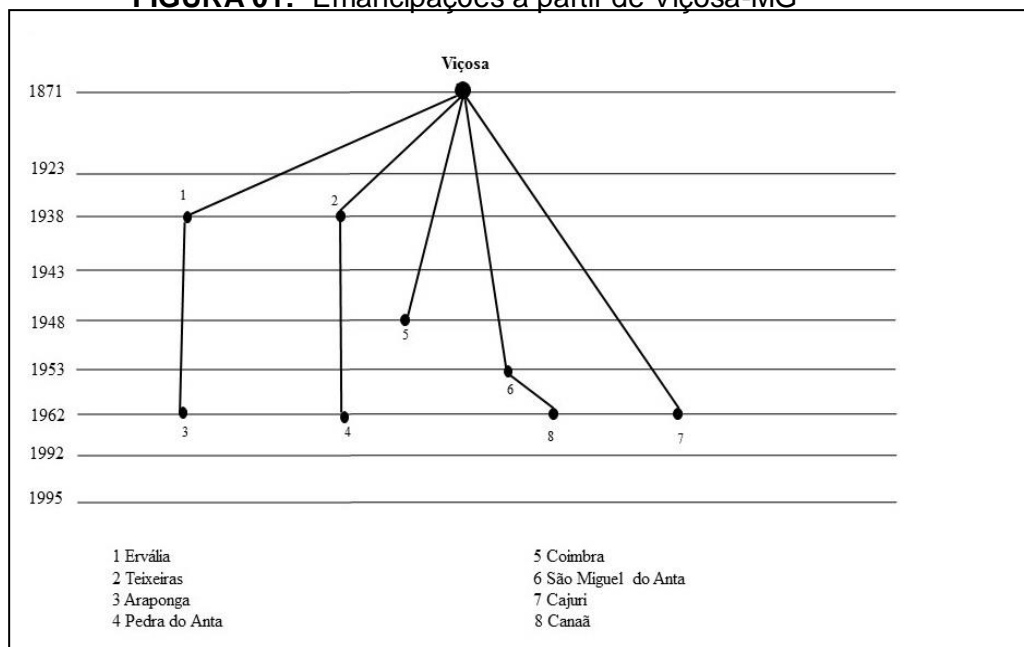
Teixeiras é uma cidade pequena da zona da mata de Minas Gerais composta por 11.355 habitantes (IBGE, 2010), sendo que destes cerca de 67% vive em zona urbana. A área do município é de aproximadamente 166,7 km² e é constituído apenas por seu distrito sede. O município está contido, segundo a classificação do IBGE, na microrregião geográfica de Viçosa, município ao qual Teixeira distancia-se cerca de 12 km. Teixeira também é limítrofe a outro município polo de uma microrregião: Ponte Nova, município que por sua vez dista cerca de 28 km da área de estudo.

A zona da mata mineira é composta por 142 municípios, dentre estes mais de 100 apresentam população abaixo de 10.000 habitantes. A mesorregião é caracterizada por “estagnação, foco de desigualdade, pobreza e origem de fluxos migratórios (...)” (SILVEIRA, 2015,

p.6), fazendo com que as cidades pequenas recorram a outros núcleos urbanos para serviços como saúde, educação e consumo, traçando laços de dependência. A relação com estes outros núcleos se dá em uma via da mão dupla, uma vez que as cidades pequenas “tornam-se, elas mesmas, fornecedoras de mão de obra com pouca qualificação, atuando como cidades dormitório, onde a economia é inexpressiva (...)” (SILVEIRA, 2015, p.6). A partir da década de 1980 com a reestruturação produtiva e territorial brasileira viu-se a ascensão das cidades médias, tornando estas uma alternativa daqueles centros menores nos serviços já citados, fazendo com que estas áreas tracem relações cada vez mais estreitas com as cidades pequenas de seu entorno.

A microrregião de Viçosa, divisão político-administrativa que engloba a cidade de Teixeira, segue a tendência da Zona da Mata e, com exceção do município polo, apresenta índices econômicos e sociais depressivos. A microrregião é composta por 20 municípios, sendo que destes, 8 se desmembraram a partir do município viçosense (FIGURA 01), coadjuvando na formação de uma rede urbana regional, mesmo que em estágio embrionário. As emancipações que se deram em sua maioria, segundo Rocha (2008), por cunho político, deram origem a municípios de baixa capacidade de investimento, refletindo, portanto, nos índices socioeconômicos.

FIGURA 01: Emancipações a partir de Viçosa-MG



FONTE: Biblioteca IBGE; organização da autora.

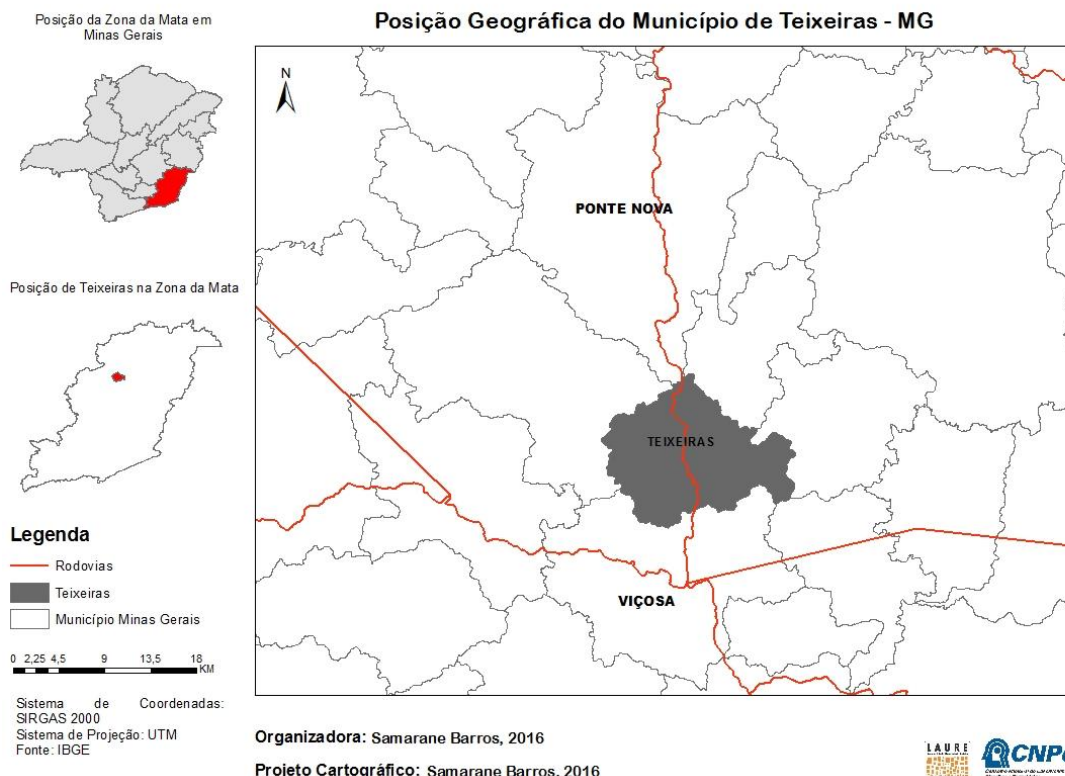
Dentre os municípios da microrregião de Viçosa, Teixeira é o que revela maior densidade demográfica, depois do município polo. A cidade ainda, apresenta mais da metade de sua população morando em área urbana fazendo com que abrigue, pela tipologia do Ministério das

Cidades (2008), o grupo das “pequenas cidades com relevantes atividades urbanas, em espaços urbanos consolidados, mas de frágil dinamismo recente”. Teixeira mostra um valor razoável de IDHM (2010) quando comparado aos outros municípios da microrregião: 0,675. O de Araponga, outro município da microrregião, por exemplo, era de 0,536 no ano de 2010. Estes números podem ser explicados pela proximidade ao município polo de outra microrregião geográfica: Ponte Nova, como visto adiante.

No que tange os serviços oferecidos por Teixeira, há a presença de um hospital e uma agência bancária, além de ser sede de comarca que atende este município e o município de Pedra do Anta. Na área central apresenta uma escola municipal que vai das séries iniciais ao nono ano, duas estaduais: uma das séries iniciais ao quinto ano e outra do sexto ano ao ensino médio, além de uma instituição particular que contém todas as séries. Além disso, A Escola Estadual Dr. Mariano da Rocha oferece o EJA – Educação de Jovens e Adultos – em turnos noturnos o que atrai trabalhadores de Pedra do Anta. Vale salientar, como visto na Figura 01, que Pedra do Anta até 1962 pertencia a Teixeira e o que se observa, ainda hoje, são relações próximas. Apesar destas relações, Teixeira não supre e influencia completamente a cidade de Pedra do Anta, sendo esta “responsabilidade” também de Viçosa.

Além de integrar a microrregião de Viçosa e ser vizinha da cidade polo, Teixeira é limítrofe com o município de Ponte Nova, o que a coloca em “posição de contato” entre as duas cidades médias, isto é, agindo e se situando como transição, ligação entre as cidades médias (MAPA 01). O termo “posição de contato” foi utilizado pelo geógrafo mineiro Oswaldo Bueno Amorim Filho para caracterizar a cidade de Formiga-MG em sua tese de doutorado (1973), situando-a “em uma posição geográfica de contato, na transição entre as regiões do Sul e do Centro-Oeste de Minas Gerais” (AMORIM FILHO, 2015, p.32).

MAPA 01: Posição Geográfica do Município de Teixeira-MG



FONTE: IBGE; projeto cartográfico da autora.

Ponte Nova também é o centro de uma microrregião geográfica delimitada pelo IBGE, sendo esta composta por 17 municípios, além do polo. As características desta área assemelham-se a tendência da Zona da Mata de estagnação e deficiências socioeconômicas, sendo, porém, a única microrregião da Zona da Mata que apresentou decréscimo populacional entre 1971 e 2010 (SEBRAE, 2013). A microrregião apresentou um passado próspero por causa de seus canaviais e indústrias de açúcar, porém, com o declínio desta atividade econômica o que foi possível perceber foi a dificuldade de reinvenção do espaço. Ponte Nova, por causa destes fatores, foi uma importante centralidade na mesorregião, porém, perdeu força em detrimento a outros processos de concentração e polarização das forças produtivas pelo espaço (BRANDÃO, 2007), por exemplo, a federalização da Universidade Federal de Viçosa (UFV) no final dos anos 1960.

Viçosa e Ponte Nova sempre mantiveram relações próximas e, de certa maneira, complementares. Viçosa apresenta-se como centralidade por causa da Universidade Federal de Viçosa que movimenta toda a economia e atrai conexões mais dinâmicas para a cidade, por exemplo, seu setor de comércio e de consumo são mais sofisticados que de Ponte Nova, sendo mais diversificado e, refletindo, em grande parte os fluxos da globalização ao olhar para a lógica de franquias que se instala na cidade, sobretudo, no eixo que liga o centro da cidade à UFV. Viçosa destaca-se ainda, na oferta de ensino superior, apresentando outras faculdades privadas que atraem pessoas de Ponte Nova, principalmente, nos cursos noturnos. Ponte Nova, por sua

vez, subordina Viçosa em serviços públicos, como educação e segurança, por sediar a Superintendência Regional de Ensino e Delegacia Regional de Polícia Civil, sendo um centro de gestão do território, como proposto pelo estudo da Região de Influência das Cidades – REGIC (IBGE, 2008). E, no meio do caminho, existe Teixeira, existe Teixeira no meio do caminho.

Teixeiras não possui estação rodoviária, os ônibus inter-municipais passam e param para o embarque/desembarque na praça principal da cidade, acarretando um maior dinamismo em determinados horários, por exemplo, entre 6 e 8 da manhã quando as pessoas se transportam para o trabalho ou o estudo nas municipalidades vizinhas. Pela manhã, o fluxo dos ônibus confunde-se, ainda, com as vans que fazem o transporte para as escolas, “cursinhos pré-enem” e faculdades, principalmente, de Viçosa. Ao olhar para o fluxo dos ônibus que saem da cidade, percebe-se que as relações mais estreitas se dão de fato com Viçosa e Ponte Nova, destaca-se, ainda, que a maior parte dos ônibus que passam por Teixeira são os de trânsito entre as duas cidades médias, realçando sua posição de transição. O maior número de ônibus dá-se rumo a Viçosa, como confirmado pela Viação Pássaro Verde, empresa de ônibus responsável pelo trânsito Viçosa-Teixeiras-Ponte Nova, totalizando 26 carros passando dentro da cidade. Além de Viçosa e Ponte Nova, percebe-se os laços de Teixeira com Pedra do Anta, como já citado também durante o texto (QUADRO 01). Pelo modal rodoviário ser o predominante no Brasil, o fluxo de ônibus é “um dos principais indicadores das relações interurbanas” (AMORIM FILHO, 2015, p.34).

Quadro 01: Relação de ônibus que passam por Teixeira-MG.

Origem-Destino	Empresa De Ônibus	Quantidade
Teixeiras-Viçosa	Viação Pássaro Verde	26
Teixeiras-Ponte Nova	Viação Pássaro Verde	11
Teixeiras-Pedra Do Anta	Viação Pedra Do Anta	5

Fonte: Viação Pássaro Verde/Viação Pedra do Anta, 2016; organização da autora.

Articulado a importância do modal rodoviário para entendimento das principais relações das cidades, explorou-se para a elaboração desta pesquisa o tempo de deslocamento para o trabalho dos habitantes de Teixeira, segundo dados disponibilizados pelo IBGE em 2010, conforme explorado no item a seguir, comprovando a relação de Teixeira com Viçosa e Ponte Nova.

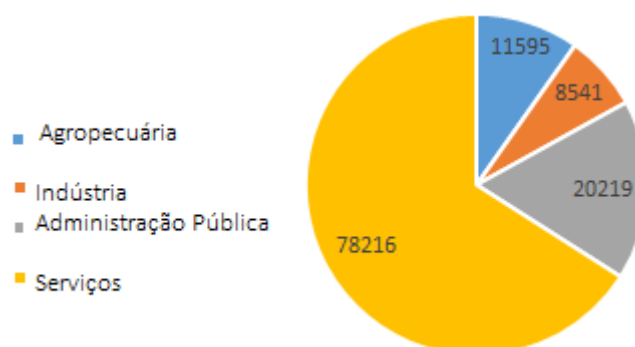
4.1. Para além da posição de contato: a dependência dos teixeirenses ao mercado de trabalho de Viçosa e Ponte Nova

A variável deslocamento para o trabalho deve ser explorada, pois ao mesmo passo que mostra o tempo que as pessoas gastam, comprovando em alguns casos situações desgastantes, mostram no presente trabalho, pela proximidade de Teixeira as cidades médias Viçosa e Ponte Nova, a dependência da população da cidade pequena em questão com estes centros mais complexos. Além disso, tempo e espaço são categorias básicas da existência humana (HARVEY, 1992). As pessoas deslocam-se, por uma série de motivos, mas no caso do trabalho em particular, a análise da

regularidade e o volume dos fluxos para trabalho e/ou estudo tornam o conhecimento deste tipo de movimento fundamental para identificar os distintos papéis desempenhados pelos municípios, seja na concentração de atividades geradoras de opções de trabalho (...). É fundamental também para caracterizar os processos de expansão territorial de centros e de aglomerações urbanas, bem como a configuração de subcentralidades. (CINTRA; DELGADO; MOURA, 2012, p. 1)

O PIB – Produto Interno Bruto – de Teixeira é advindo, em sua maioria, do setor de comércio e serviço (GRÁFICO 01), visto que a cidade não apresenta nenhuma outra atividade dinâmica. Mesmo assim, o setor não é autossuficiente para disponibilizar trabalho para toda a população, até mesmo porque há a necessidade de se recorrer a centros vizinhos para determinadas demandas, realçando a sua posição de cidade pequena na rede urbana.

GRÁFICO 01: Valor Adicionado por Setor no PIB de Teixeira (2009).



FONTE: IBGE; organização da autora.

Pela posição geográfica que Teixeira ocupa muito próxima a duas cidades médias importantes da Zona da Mata e para realçar a responsabilidade regional destas com o seu entorno, mostra-se a partir do deslocamento dos trabalhadores teixeirenses que muitos destes recorrem a estas cidades vizinhas, dado a restrição de possibilidades – e complexidade – do município teixeirense, uma vez que o “tradicional inchaço que caracteriza o setor terciário desses pequenos centros, geralmente, não está associado a uma melhoria da qualidade de vida da população local através da oferta de comércio e de serviços diversificados” (GOMES; ASSIS, 2008, p. 19).

Sendo assim, recorreu-se aos estudos sobre o tempo habitual de deslocamento para o trabalho disponibilizado pelo IBGE, no ano de 2010, e cruzou-se as informações com o tempo de deslocamento de Teixeira a Ponte Nova e Viçosa disponibilizados pelo *Google Maps*, conforme mostrado no quadro 02 e nas figuras 03 e 04 a seguir.

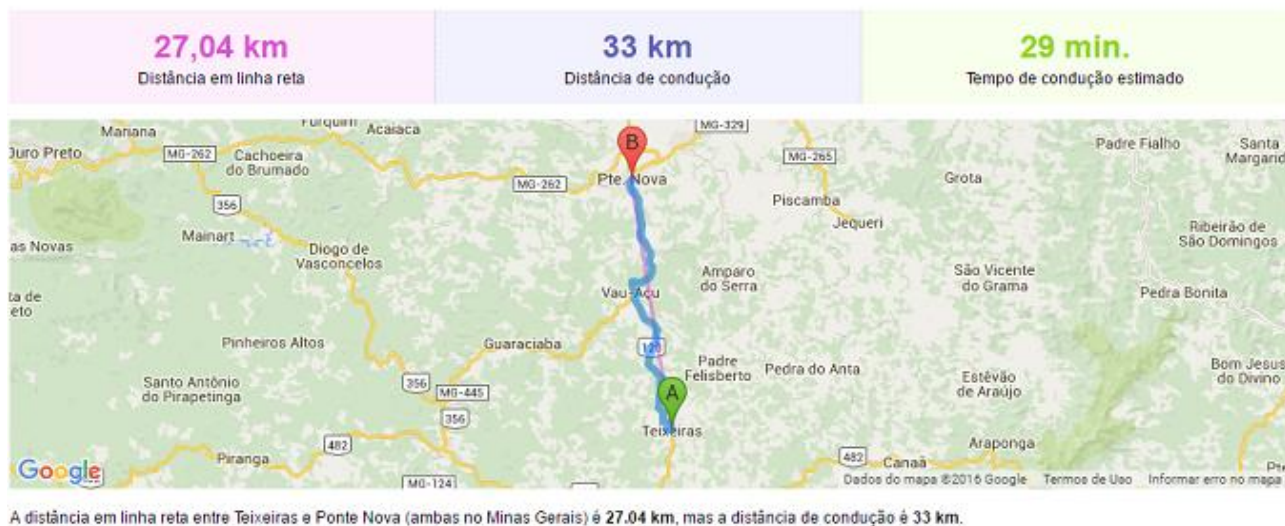
QUADRO 02: Tempo habitual de deslocamento para o trabalho dos teixeirenses, 2010.

Tempo de Deslocamento	Pessoas Ocupadas na Semana de Referência que trabalhavam fora do domicílio e retornavam para seu domicílio diariamente.
Até 5 minutos	422
De seis minutos até meia hora	2516
Mais de meia hora até uma hora	627
Mais de uma hora até duas horas	64
Mais de duas horas	10

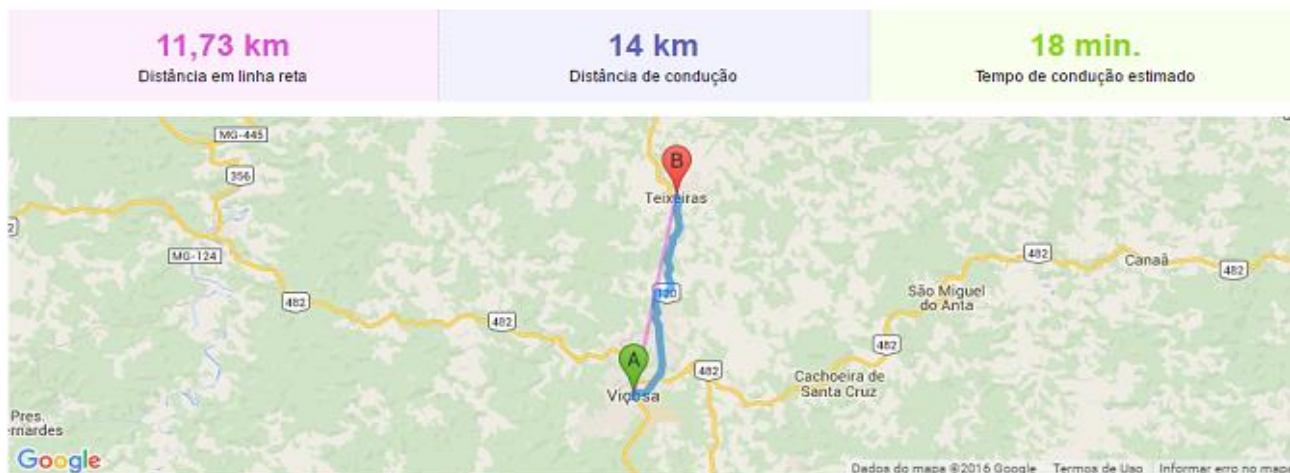
FONTE: IBGE, 2010. Organização da autora.

FIGURAS 02 E 03: Tempo de deslocamento de Teixeira para Ponte Nova e Viçosa, respectivamente.

Distância entre  Teixeira e  Ponte Nova



Distância entre 📍 Viçosa (Minas Gerais) e 📍 Teixeira

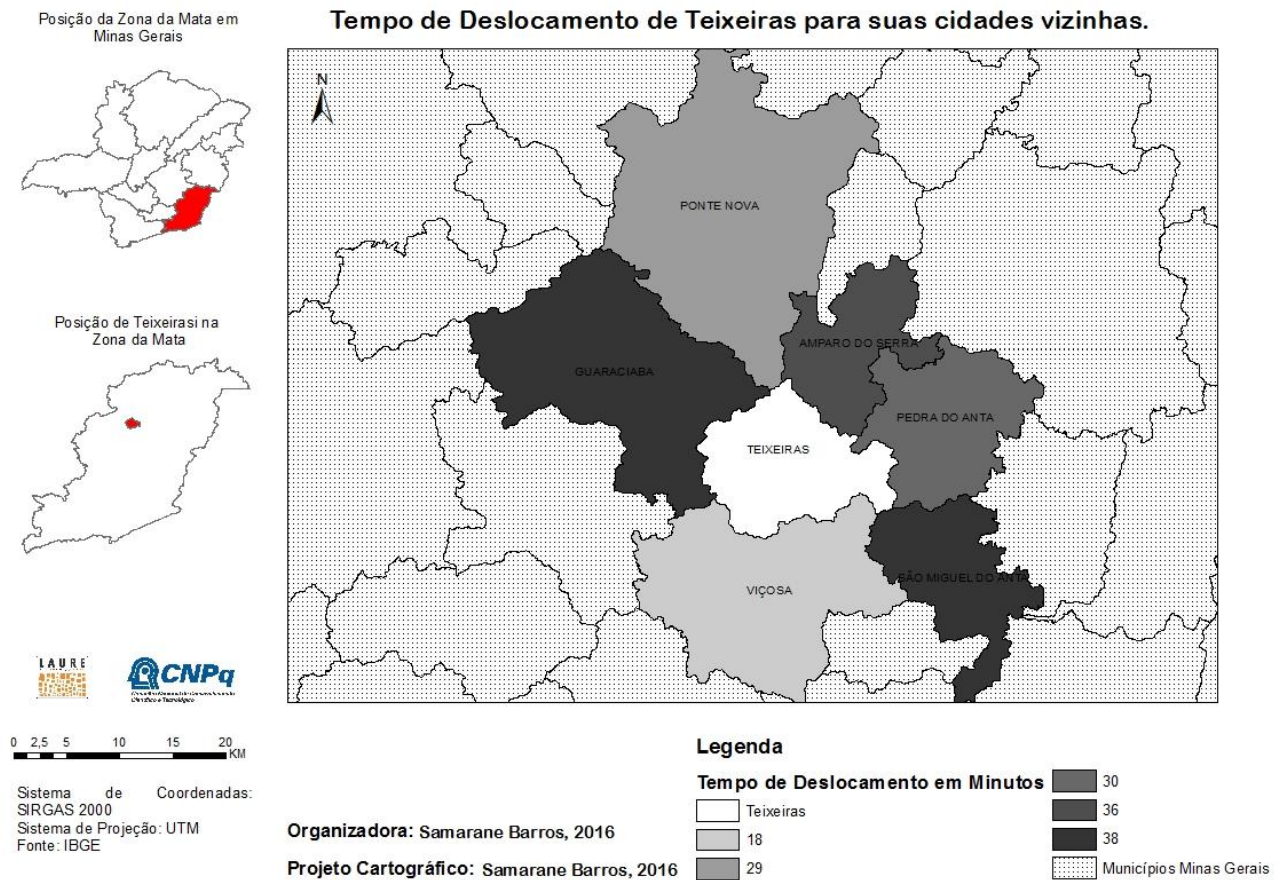


A distância em linha reta entre Viçosa e Teixeira (ambas no Minas Gerais) é 11.73 km, mas a distância de condução é 14 km.

FONTE: Google Maps, 2016. Organização da autora.

Percebe-se que a grande maioria das pessoas (2516) gastam de 6 minutos até meia hora para chegarem aos seus locais de trabalho e o tempo de deslocamento de Teixeira a Ponte Nova e Viçosa é, respectivamente, 29 minutos e 18 minutos, considera-se, portanto que grande parte das pessoas vão para as cidades médias vizinhas trabalharem e, uma facilidade para isto, é o número de linhas de ônibus que passam pela cidade destinados a Ponte Nova e Viçosa. É válido salientar que dentre o montante que gasta de 6 minutos até meia hora para chegar ao trabalho, existem os que trabalham dentro do próprio município teixeirense, porém, parte-se da premissa que, pelo tamanho do município, estes trabalhadores ocupam o grupo, principalmente, dos que levam até 5 minutos para chegar (422). No mapa 02 a seguir pode ser visto o tempo de deslocamento (em minutos) de Teixeira para suas cidades vizinhas.

MAPA 02: Tempo de Deslocamento (Minutos) de Teixeira e suas cidades vizinhas.



FONTE: IBGE; projeto cartográfico da autora.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A posição geográfica de Teixeira, entre duas cidades médias, faz com que sejam tecidas relações estreitas de dependência com estas, reforçando o papel de intermediação e responsabilidade de Viçosa e Ponte Nova para com sua região mais imediata e, ainda, realçando o papel de dependência de Teixeira para com outros centros, considerando que esta é uma cidade pequena que não basta-se a si própria.

Teixeira, embora abasteça algumas necessidades de Pedra do Anta, por exemplo, não exerce influência direta sobre ela [Pedra do Anta], concluindo que as funções encerram-se na própria cidade, exercendo e oferecendo mão de obra para Viçosa e Ponte nova e, ainda, alimentando o mercado destas cidades, uma vez que os teixeirenses recorrem a estas cidades para alternativas de saúde, educação e lazer, além de trabalho, elemento cerne da presente análise.

Embora apresente uma economia inexpressiva, Teixeira ainda sobressai quando comparada as outras cidades da microrregião geográfica de Viçosa, fato este relacionado a proximidade a outra cidade polo de uma microrregião: Ponte Nova. Teixeira, portanto, apresenta

uma posição geográfica que fica sob influência cambiante, ora de Viçosa e ora de Ponte Nova, não esgotando, assim, o seu campo de possibilidades e relações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao amigo e orientador Wagner Barbosa Batella, aos companheiros do Laboratório de Estudos Urbanos, Regionais e Econômicos da UFV e ao CNPQ pela concessão da bolsa de Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, O.B. A evolução dos Estudos sobre Cidades Médias em Minas Gerais. In: SATHLER, D; AMORIM FILHO, O.B.; VARAJÃO, G.F.D.C (org). **Cidades Médias: Bases Teóricas e estudos aplicados à Diamantina**. Belo Horizonte-MG: Editora Fino Traço, 2015, 239 p.
- BEAUJEU-GARNIER, J. **Geografia Urbana**. 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, 525 p.
- BRANDÃO, C.A. **Território e Desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, 240p.
- BRASIL. Ministério das Cidades. **Tipologia das Cidades**. Brasília: Ministério das Cidades, 2008. Brasília: Distrito Federal.
- CINTRA, A.; DELGADO, P.; MOURA, R. Deslocamentos Intermunicipais para trabalho e estudo – Curitiba. **Comunicado para o planejamento-IPARDES**. N. 21. Curitiba: 2012, p 1-10.
- CORRÊA, R. L. A rede urbana. São Paulo: Ática, 1989, 96p.
- _____. Discutindo Conceitos: Posição Geográfica de Cidades. **Cidades**. FCT: Presidente Prudente, v.1, n.2, 2004, p. 317-323.
- FRESCA, T. M. Pequenas cidades de rede urbana norte-paranaense e especialização em produção industrial: Re-inserções complexas. **Anais... EGAL – Encontro de Geógrafos da América Latina**, 2009.
- GOMES, L. F.; ASSIS, L. F. A dinâmica e a crise no comércio na cidade pequena de Cariré. **Revista Geografar**. v. 3, n. 2, 2009, p. 13-33.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Ed. Loyola, 1992, 352p.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, 2010.
- _____. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Regiões de Influência das cidades 2007**. Rio de Janeiro, 2008, 201p.
- MONBEIG, P. **Novos estudos de geografia humana brasileira**. São Paulo: Difel, 1957, 236p.

ORLANDO JUNIOR, M. **As cidades pequenas na região metropolitana de Campinas-SP:** Dinâmica demográfica, papéis urbanos e (re) produção do espaço. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas – UNESP/Rio Claro. Rio Claro: 2014, 324p.

ROCHA, C. H. B. **Zona da Mata Mineira:** Pioneirismo, atualidade e potencial para investimento. Juiz de Fora: Do autor, 2008, 128p.

SANTOS, M. **Espaço e sociedade:** Ensaios. Petrópolis: Vozes, 1982, 152p.

_____. **Espaço e Método.** São Paulo: EDUSP, 2014 (1985), 120p.

SEBRAE. **Relatório Anual de Atividades – SEBRAE Minas Gerais.** 2013, 48p.

SILVEIRA, M.L. Uma situação geográfica: do método à metodologia. **Revista Território.** Ano IV, N. 6. Rio de Janeiro: 1999, p. 21-28.

SILVEIRA, T. V. L. **O papel das pequenas cidades na rede urbana:** um estudo acerca da microrregião de Viçosa. 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Viçosa – UFV, Viçosa, 2015, 98p.

SOARES, B. R.; MELO, N. A. Revisando o tema da pequena cidade. In: SILVA, A. B.; GOMES, R.C.C; SILVA, V.P. (Org.). **Pequenas cidades:** uma abordagem geográfica. Natal: Editora da UFRN, 2009, 215p.

SPOSITO, M. E. B. **O chão em pedaços:** urbanização, economia e cidades do estado de São Paulo. Tese (livre docência em geografia) -FCT/UNESP. Presidente Prudente: 2004, 508p.

_____. **Para pensar as pequenas e as médias cidades brasileiras.** 1 ed. Belém: FASE e UFPA, 2009, v.1, 57p.

_____. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B (Org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios.** São Paulo: Contexto, 2011, p. 123-145.